

ENTREVISTA

Entrevista de Ceila Maria Ferreira com a Escritora e Professora Universitária Graça Graúna¹

1) **Graça, como é seu processo de escrita literária?**

A respeito desse assunto, peço licença para mencionar uma das minhas primeiras experiências no campo do fazer literário. Refiro-me ao "Canto Mestizo", publicado em 1999 e que, em 2024, completa 25 anos. Nos três últimos meses de 2023, eu me vesti de coragem para fazer a segunda edição desse livro que me trouxe e traz muitas alegrias; grandes amizades, importantes estudos (ensaios, teses, dissertações, Tccs e tantos outros escritos científicos) foram realizados em torno dele; e mais um tanto de textos poético-afetivos (cartas, poemas...) sobre meus escritos e que motivaram a reedição do mesmo. Falo assim, porque tenho o privilégio de vivenciar (na condição de autora/escritora indígena) o quanto é muito rica a relação entre autor/texto/leitor. Costumo dizer que o fazer literário é também o meu respiro e nesse processo, o outro está sempre presente; seja esse outro um ser indígena ou não, negro ou não, cigano ou não... Então, como você pode ver, não consigo me ver sozinha nessa jornada, pois o coletivo também habita em mim. Nesse processo, a ancestralidade imprime um tom maior; pois é a ancestralidade que me move, que fortalece, que me mostra o caminho de volta e o meu lugar no mundo.

2) **Em *Fios do Tempo* (quase haikais), há um casamento entre a materialidade da publicação e o conteúdo da obra. Como você vê tal questão?**

Cada vez que folheio o "Fios do tempo", sinto que fui agraciada com a grandeza da alma da equipe da Editora Baleia Cartonera, lá do Sertão do Pajeú, em Pernambuco. A editora e poeta Paula Santana que conhece bem a história de luta do movimento cartonero, originário da Argentina, abraçou a causa e acolheu Fios do Tempo: um livro composto só de haikais e manejado artisticamente (por Rodrigo e Robson) na costura das folhas com linha vermelha; na sobreposição de uma folha de louro costurada na capa de papelão e no recorte das páginas que sugere também o harmonioso movimento de um beija-flor. Só mesmo tocando o livro para perceber a estreita relação entre a matéria e o conteúdo de Fios do Tempo. Creio que nesse

¹ Entrevista realizada remotamente entre 28/12/2023 e 30/12/2023.

livro existe, sem sombra de dúvidas, a mágica do processo da escrita literária (poesia e realidade), ao mesmo tempo que tocamos os nossos pés no chão.

3) Para você, como escritora, a literatura tem função social?

Penso, imagino, creio mesmo que a literatura indígena tem muito mais que uma função social. Em nossa literatura (escrita, manuscrita, oral) habitam diferentes povos, diferentes línguas, diferentes costumes, diferentes eus e a soma de tudo isso revela a grandeza da literatura dos povos originários e seus vastos mundos. Embora cada povo carregue dentro de si um jeito próprio de ser e viver, a literatura indígena (potiguara, xavante, fulni-ô, pankararu, guarani, munduruku, guajajara, xakribá e kayapó, entre tantas outras) faz parte de um fazer pulsante e repleto de cura e vida que se expande com a força oriunda do coletivo.

4) Sua obra procura dialogar com o restante da América do Sul e do Sul Global?

Permita-me responder essa pergunta com um poema que dedico ao pequeno Aylan Kurdy: um menino refugiado que morreu afogado numa praia da Turquia, em 3 de setembro de 2015.

Da humanidade levada pelas águas

(Graça Graúna, indígena potiguara/RN)

(Em memória de Aylan Kurdi)

Viver é perigoso,
o poeta dizia.
Assim mesmo insistimos
em fazer a travessia.
Viver é perigoso,
mas seguimos
vestidos de coragem
na ânsia de encontrar
o olhar generoso
o abraço apertado
a mão amiga

que acolham os nossos sonhos...

Em meio à travessia
a humanidade
é levada pelas águas
e tudo que me fica
é uma tênue esperança
que se alastra pelo mundo
nos sonhos do pequeno anjo
de asas partidas.

Apesar das muralhas
e dos arames farpados,
o direito à Paz nos aproxima.
Viver é perigoso,
mas insistimos....

5) Você poderia falar um pouco sobre o conjunto de sua obra literária?

Nos livros de poemas, de narrativas e ensaios que escrevi, procurei ressaltar, em cada um deles: a necessidade de lutar contra tudo que nos impede o direito de viver; lutar pelo nosso lugar no mundo, pois retomar os sonhos é uma forma de manter viva em nós a chama da Ancestralidade.

